

Foucault e as insurreições

Diogo Sardinha

Vivemos uma época de insurreições. Elas tomam a forma das Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, dos movimentos de indignação e de ocupação de 2010 e 2011 em Barcelona, Nova York e demais grandes cidades, da Primavera árabe que atravessa diferentemente os países do norte de África, dos protestos contra os programas de austeridade impostos aos países do sul da Europa, com a Grécia à cabeça; dos motins urbanos, como na França de 2005 e na Inglaterra de 2011. Na verdade, nenhum destes acontecimentos está completamente encerrado, pois todos exprimem o mal-estar de uma época e continuam exercendo efeitos sobre a atualidade.

Para aqueles que se interessam pela obra de Foucault, eles oferecem um vasto terreno de pesquisas e reflexão. Com efeito, e sob diversos aspectos, esta obra aparece também como insurrecional, pensando contracondutas que são, como Foucault dizia em 1978, contestações de quem deseja ser conduzido de outra forma, por outros condutores, rumo a outros objetivos e através de outros métodos e que tomam a forma de verdadeiras “insurreições de conduta”. E não foi Foucault um pensador das sublevações de seu tempo, tenham elas sido práticas como no caso dos prisioneiros, na virada dos anos 1970; teóricas como no dos saberes, mais ou menos no mesmo momento; ou ainda teórico-práticas, como no das transformações ocorridas dos métodos e discursos alternativos da psiquiatria? Além do mais, Foucault inúmeras vezes questionou as relações de autoridade entre instituições e indivíduos, mas também no seio da família e nas relações com o estado, a tal ponto que poderia dizer-se que as explosões contraculturais vividas nas Américas e na Europa do seu tempo não pararam de incitá-lo a pensar.

Hoje, envolvidos por outras contestações, cabe-nos reler Foucault à luz destes acontecimentos e, em retorno, olhar tais acontecimentos à luz de suas análises. Pode-se, para tanto, tomar vários caminhos. Um, mais imediato, consiste em prestar atenção a seus escritos e entrevistas sobre revoltas políticas como a revolução iraniana do final dos anos 1970 ou os movimentos de oposição ao regime polonês no início da década de oitenta. Outro caminho, talvez mais ambicioso, visa descobrir o caráter insurrecional do conjunto de seu pensamento, sobretudo quando vai para lá das sublevações imediatamente perceptíveis para restituir batalhas esquecidas ou revelar a articulação de lutas às quais faltava até então um certo grau de elaboração teórica. É o que ele faz em 1975, diagnosticando a “insurreição dos saberes” sua contemporânea. Fortalecidos por estas pesquisas, estaremos em melhores condições de projetar

uma visão foucaultiana sobre nosso mundo insurrecional, contribuindo assim a uma reflexão crítica sobre o presente.

Estas perspectivas convidam a reler múltiplos textos, que não se reduzem à política em seu sentido imediato. Por exemplo, *As Palavras e as coisas*, de 1966, que esvazia explicitamente a política, introduz aquilo que poderia chamar-se de uma insurreição no campo da teoria, um “pensar contra” que se revela na consideração da psicanálise, da etnologia e da linguística como contradições, e na arqueologia como veículo de uma heterotopia, a de questionar se verdadeiramente “o homem” existe. Dez anos mais tarde, no coração de seu momento biopolítico, Foucault descreve as genealogias como insurreições do saber e no saber, que transtornam um sistema de conhecimentos. Em *Segurança, território, população*, ele define até a política como “a primeira sublevação, o primeiro enfrentamento”. E no final da vida, os parresíastas, sejam eles Sócrates, os cínicos ou alguns artistas e revolucionários modernos, aparecem também como insurrectos, desafiando as normas culturais e sociais.

Por isso, este Colóquio propõe-se também a elaborar uma reflexão sobre o que chamaremos de **insurreições no pensamento**. Consideramos, com efeito, que para além das contestações populares, existem ainda sublevações intelectuais que são revoltas no campo do teórico. Por vezes, as lutas que aí se desenrolam adquirem os traços de uma insurreição, pelo esforço que fazem para romper com um dado regime de visibilidade e de dizibilidade e inaugurar um novo: disso testemunham a literatura e as artes tal como Foucault as aborda no início dos anos 1960, partindo de Artaud, Bataille e Blanchot, em quem detecta os rastros de um tumulto ontológico e anônimo que aparece como um verdadeiro motim do ser sem sujeito. E não seria possível encontrar um paralelo inesperado com certas revoltas contemporâneas, também elas desprovidas de um sujeito unificador? Existiria um parentesco entre movimentos insurrecionais “sem autor”, nos quais o ator seria o próprio ser, provocando irrupções ontológicas? Outro aspecto importante é o das distinções conceptuais. Que relação existe, por exemplo, entre a insurreição e a revolução, que foi sem dúvida a figura por excelência da interrupção da ordem política na modernidade?

No tratamento de todos estes problemas, cabe dar uma atenção especial a uma crítica dirigida por alguns a Foucault – e mais geralmente às insurreições: a de não proporem nada de concreto, nenhuma nova norma ou normalidade, nenhuma lei alternativa, acelerando a história, mas como simples negação de um presente e sem proposta concreta de futuro. Ora, não seria isso ignorar que os movimentos *contra algo* se acompanham muitas vezes de um *por outra coisa*, e que toda insurreição é uma libertação de novas formas de existência? Por isso, o colóquio se propõe acompanhar cada exame de como Foucault se opõe (ou dá conta de uma oposição) a um estado de coisas determinado, da manifestação dos elementos positivos que seu trabalho contém. De forma mais lata, a ideia é também estudar como funciona o princípio do *por* e do *contra* a partir de casos concretos da história e da atualidade.